

O DIA EM QUE BALTAZAR CONVERSOU COM LÉFÈBVRE

Lucia Naegeli

Mestranda em Geografia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

lucia.naegeli@gmail.com

Resumo

O artigo se baseia nos seguintes pressupostos teóricos: o desenvolvimento do pensamento dialético tridimensional de Léfèbvre, nas três dimensões de espaço de Soja, nos espaços outros e heterotopias de Foucault, nas figuras metafóricas de Hiernaux e nos homens lentos de Milton Santos. Descreve uma abordagem empírica que abrange todas essas dimensões do espaço, buscando o diálogo junto ao segmento dos moradores de rua na tentativa de desvelar e compreender melhor o urbano através do cotidiano desses homens e mulheres que vivem na cidade.

Palavras-chave: prática espacial – dimensões do espaço – espaços outros – heterotopias – espaço banal.

THE DAY WHEN BALTAZAR TALKED WITH LÉFÈBVRE

Abstract

The article is based on the following theoretical assumptions: the development of Léfèbvre's three-dimensional dialectical thinking, in the three space dimensions of Edward Soja, in the other and heterotopian spaces of Foucault, in the metaphorical figures of Hiernaux and in the slow men of Milton Santos. It describes an empirical approach that encompasses all these dimensions of space, seeking the dialogue with the segment of street dwellers in an attempt to reveal and better understand the urban through the everyday life of these men and women who live in the city.

Keywords: space practice - dimensions of space - other spaces - heterotopias - banal space

Apresentando os filósofos a Baltazar

O espaço é um conjunto de relações, entre os seres humanos, seus vínculos com os objetos e as coisas, as relações das coisas em si mesmas, e todas essas relações sociais se materializam no espaço. Nele estão presentes as contradições da realidade à medida em que é um produto social. Com o avanço da globalização e a mudança de valores que ela demanda, o espaço converteu-se em mercadoria relacionada a uma sociedade consumista, apresentando uma série de contradições (LÉFÈBVRE, 1980, p.47).

Henri Léfèbvre mostra como pensar as contradições presentes no espaço-mercadoria a partir do consumo do espaço, sendo o homem um ser que usa o espaço para viver de acordo com as condições naturais e históricas específicas.

Léfèbvre, sem dúvida, iniciou uma discussão importante em relação ao conceito de espaço, não só desvelando parte de sua complexidade como retirando o espaço de seu papel “passivo”, “vazio”, atribuindo a ele novos sentidos. O autor, com base em Hegel, Marx e Nietzsche, revolucionou a maneira de ver e se relacionar com o espaço. Desenvolveu um pensamento dialético tridimensional, estabelecendo uma distinção entre prática espacial, representações de espaço e espaços de representação.

A prática espacial corresponde ao espaço percebido, o que está mais próximo da vida cotidiana, onde o ser humano atua como ser social. O espaço de representação corresponde ao espaço vivido, onde se sobrepõe ao espaço físico a dimensão simbólica, códigos impostos pelos poderes, mas também expressões da vida social. É o espaço das submissões, das representações e das desobediências. As representações do espaço correspondem ao espaço concebido na qual um grupo inscreve suas intenções para a ordem social no espaço. É o espaço das instituições onde ocorrem as representações produzidas pelas relações de poder, que aparecem, segundo Léfèbvre, como *organização do espaço* (LÉFÈBVRE, 2006).

O autor propõe uma compreensão do espaço para que se possa modificá-lo e completá-lo, pois sua produção nunca estará terminada porque sempre estarão presentes, dialeticamente, as relações de força, de aliança, os conflitos, e os tempos produzidos no e por esse espaço (LÉFÈBVRE, 2006, p.9) A partir de Léfèbvre, outros autores elaboraram várias dimensões para o espaço.

Edward Soja, fundamentado em Léfèbvre, admite a existência autônoma de três dimensões do espaço: um primeiro espaço físico, com enfoque no mundo material; um segundo espaço mental que interpreta a realidade através

de representações; um terceiro espaço social tendo por base as duas concepções anteriores, isto é, combinando o real e o imaginado. Soja atribui uma importância maior ao espaço social, denominando-o de Terceiro espaço, *Thirdspace*, entendendo-o como espaço completo, um espaço de onde todos os espaços podem ser apreendidos.

Michel Foucault colocou em destaque espaços outros, uma abordagem peculiar, são espaços com caráter marginal, que conflitam com a ordem instituída, onde não se aplicam as regras submetidas ao controle social. Correspondem a contraespaços, lugares reais fora de todos os lugares, contraditando os outros espaços. Para investigá-los, Foucault usou o termo heterotopia.

A intenção de Foucault foi dar voz e visibilidade a atores e fenômenos sociais até então ocultos e marginais.

(...) acabando com os porta-vozes, ou seja. Com aqueles que falam pelos outros e em seu lugar (FOUCAULT, 2010, p.339).

A partir desses pressupostos, pensei em iniciar uma abordagem empírica que abrangesse o espaço de uso, o espaço concebido e o de representações onde vive um segmento da sociedade que sempre encontra quem fale por ele mas nem sempre tem voz, como afirmou Foucault. Na maioria das vezes, esse segmento chega a ser invisível para o restante da sociedade: os moradores de rua.

Minha primeira dificuldade consistiu em encontrá-los e manter com eles um contato regular que permitisse dar uma regularidade ao nosso diálogo. Raramente se fixam em um único lugar. Por isso, procurei um espaço que reunisse seus objetos e pertences, optando pelo espaço sob o Viaduto 31 de Março, em Laranjeiras. Há alguns anos, vive ali Baltazar¹, morador na rua. Trabalha como guardador de carros no período noturno e aos domingos. Tem

¹ Os nomes dos moradores de rua são fictícios. Com exceção de Baltazar, os demais moradores adquiriram o nome de filósofos ou dos autores que inspiraram esse diálogo.

paixão por ler, sendo chamado por seus companheiros de “devorador de livros”. Lê tudo o que lhe cai às mãos, o que os moradores do bairro lhe dão ou descartam, no lixo. É bem informado, acompanha a situação política e econômica do país e tem opinião formada sobre tudo. Não gosta dos filósofos, acha que estes não são objetivos, falam muito, escrevem muito e não concretizam em ações o que produzem. Segundo Baltazar, filosofar é *blá, blá, blá.* ”

A partir de Baltazar, me aproximei de outros moradores: João Paulo e Simone, casados há quinze anos, catadores, cuidam de um cachorro, John Lennon. Alternam sua moradia entre o viaduto e um quarto alugado por uma senhora amiga, na Lapa; os irmãos Daniel e Henrique: Daniel pede esmola na porta da Igreja da Glória, no Largo do Machado; Henrique é catador e tem uma companheira que mora no Pereirão, favela da Rua Pereira da Silva. Todo final de dia se encontram, no caminho dela para casa, mas Henrique dorme na rua; Milton é catador, vive com a mulher e um filho de quatro anos na rua Cosme Velho; Eduardo, catador, conta que por morar distante, dorme na rua; Daniel, muito reservado, conversa apenas com seu cachorro; e Judith, uma transexual muito simpática e engraçada que, de maneira divertida, pede trocados a uns e outros; há outros moradores sob o viaduto mas não se interessaram muito em conversar e não estão no local com muita frequência.

Dialogando com os filósofos

Pensando em dar voz a essas pessoas, como preconizou Foucault, e sem que tivessem conhecimento de minha intenção, comecei a sugerir algumas ideias de alguns filósofos e de Milton Santos, autores que se preocuparam em revelar e compreender o urbano através do cotidiano daqueles que vivem nas cidades, e definiram espaços que, de alguma forma, não seguem as regras de controle da sociedade.

As cidades vêm sofrendo mudanças em sua forma e nos seus arranjos espaciais, seja pela velocidade da evolução das técnicas (SANTOS, 1996) seja pelos investimentos, públicos ou privados, que atendem à lógica do mercado e

do Estado capitalista. No caso das cidades brasileiras, principalmente as grandes cidades, as mudanças vêm ocorrendo num ritmo mais acelerado, principalmente nos dias de hoje, em meio à crise política e às ameaças associadas às relações de trabalho que pesam sobre os setores populares. Com isso, a cada dia, novos elementos são pautados e novas relações acrescentadas, nos desafiando a apreender a complexidade do urbano.

Embora a inspiração tenha vindo de Foucault, dando voz a esses atores, começamos o diálogo com Daniel Hiernaux que fala da nossa incapacidade para entender a cidade contemporânea e compreender as mudanças que estão se processando nela.

São muitas as facetas destas “novas cidades” que se apresentam a nossos olhos. Mais ainda, resulta impressionante observar que as mesmas tendências, os mesmos medos, as mesmas ilusões de modernidade avassalam a todos os territórios do mundo (Hiernaux, 2006, p. 197).

O autor mostra que a definição de cidade remete a quatro campos disciplinares: demografia, urbanismo, economia e cultura. Dentro da dimensão cultura, a formação dos imaginários não costuma aparecer nas definições de cidade e, por isso, alerta para o fato de que os temas e campos do conhecimento esquecidos ou omitidos nesta definição são mais importantes do que os que foram aproveitados, à semelhança do que Léfèbvre chamou de “presença na ausência.”

Segundo Hiernaux, não existe uma dimensão subjetiva nas definições tradicionais de cidade, pois todas as definições estão centradas no material e no visível (Hiernaux, 2006, p. 199). Nessa perspectiva, o autor propõe uma definição da essência do urbano, levando em conta três figuras metafóricas para desvelar o significado da cidade: o labirinto, o fugaz e o fortuito.

A cidade tem uma forma socioespacial, que pela sua complexidade, por nosso comportamento, desejos e força mental, podemos nos desviar dos

caminhos retos exigindo um andar labiríntico. Mas entrar num labirinto também corresponde, metaforicamente, a empreender uma viagem mental. A dimensão do labirinto, portanto, se remete ao espaço geográfico e à organização do espaço mental, incluindo os sonhos e o imaginário. Hiernaux cita Jackson que compara a cidade europeia com a norte-americana, mostrando que a cidade deve ser transparente, evitando as brechas, os cantos, espaços neutros, impasses e outras formas de organização que se encontram nas cidades européias, mostrando que a metáfora do labirinto se perdeu.

Apresentei aos moradores o plano do famoso labirinto registrado no piso da Catedral de Chartres, na França, para introduzir a idéia de labirinto. Para eles, sob o ponto de vista do espaço geográfico, não percebem a cidade como um labirinto. Têm uma percepção transparente da cidade, não sentem barreiras nem limites, pelo menos no que se refere ao espaço restrito da cidade onde habitam e trabalham. Aqueles que fazem pequenos fretes ou são catadores de lixo para reciclagem, *garimpeiros*, na linguagem deles, são os que mais andam pela cidade. Dependem do posto de reciclagem na Lapa onde vendem os objetos que conseguem adquirir a cada dia. Não se submetem ao trânsito nem aos meios de transporte, sua flexibilidade é determinada por seus pés ou por seu carrinho, de metal, como os de supermercado, ou de madeira com rodas de borracha, este bem mais ágil.



figura 1

O desenho de seu trajeto até o Centro varia, de acordo com seu modo de trabalhar. Há os que garimpam em Laranjeiras e, considerando seu trabalho terminado por aquele dia, dirigem-se, com o resultado de seu trabalho, em linha reta, pela Rua das Laranjeiras, Rua do Catete e chegam à Lapa, sem querer parar e seguindo a direção do depósito. Outros garimpam pelo caminho e, segundo eles, “ziquezagueiam”, entrando nas ruas laterais e menores, até atingir o depósito, sua meta. Trata-se de um percurso sinuoso, mas nunca se sentem perdidos.

O mesmo já não acontece com os moradores que trabalham com estacionamento. Seu trabalho depende dos guardadores da prefeitura, que têm seu emprego fixo e horário de trabalho determinado naquele espaço. Sendo assim, o espaço destinado aos moradores fica restrito ao uso após as 17 horas e aos domingos. Por isso, ocupam seu dia fazendo percursos sem rumo pelas redondezas, mas não numa geometria labiríntica, na medida em que mantêm suas relações com a vizinhança: o dono da loteria; a dona do pet shop, responsável pela internação do cachorro velho e doente de Daniel; alguns moradores do bairro que fazem doação da refeição que corresponde ao almoço; os bares cujos banheiros são utilizados por eles.

O labirinto, no sentido metafórico de empreender uma viagem mental, construída por avanços e retrocessos, implicando também num processo de memorização para encontrar o caminho da saída (HIERNAUX, 2006, p. 200) esse sim, pode ser vivenciado por nossos moradores. Referem-se, muitas vezes, a seu passado, contando o que faziam, como trabalhavam e viviam. Voltam rapidamente a se referir ao presente e daí a instantes retornam ao passado, como, por exemplo, Milton, que explorava um sítio em Guapimirim, que representa seu tempo de prosperidade e felicidade com a família, plantando e vendendo aipim e hoje, com a perda do sítio, descreve sua vida na rua, mas sempre se remetendo à *vida na roça*.

Hiernaux afirma que a vida urbana está marcada por uma temporalidade que se caracteriza pela velocidade e movimento. Portanto, a segunda categoria antológica para definir o urbano é a tirania do fugaz, representada, entre outros aspectos, pela fugacidade e volatilidade do dinheiro, o encontro fugaz entre as pessoas proporcionado pela vida urbana, a instabilidade da residência, a mudança de trabalho, a instabilidade da família. Hiernaux também se refere à geografia do fugaz no que concerne aos espaços e exemplifica com desfiles, paradas, movimentos de grupos coordenados e movimentos organizados pela internet.

Diariamente, o resultado do trabalho de nossos moradores transforma-se em dinheiro que, imediatamente, é trocado por alimentos, bebidas energéticas, bebidas alcoólicas, de preferência cachaça² e alguns fazem uso de drogas.

Nesse ponto, é grande a fugacidade e volatilidade do dinheiro. Devido à precariedade de seu trabalho, conseguem sobreviver a cada dia. De volta ao espaço, oferecem aos companheiros parte do que adquiriram. Alternam momentos de convivência com os demais moradores com momentos de solidão. Estes, geralmente, correspondem aos efeitos da droga quando, então, preferem se isolar.

Os demais pontos levantados por Hiernaux, o encontro fugaz entre as pessoas, uma vez que estão sempre se deslocando, a perda da residência, do trabalho e da família são experimentados por eles. Sendo o espaço um ponto de passagem, com frequência são cumprimentados por conhecidos, pessoas que participam das atividades musicais, atletas ou idosos que usam os equipamentos de ginástica. Uma empregada doméstica me relatou que em dias considerados pelos moradores de rua como mais perigosos, fazem a gentileza de acompanhá-la, por segurança, até o Largo do Machado. Todos encontros fugazes entre as pessoas. Henrique, embora tenha uma

² Entre eles, usam o termo cachaça, mas ao conversar comigo alguns utilizam o termo *aguardente*, talvez numa tentativa de valorizar mais a bebida.

companheira que mora na favela próxima, tem com ela encontros fugazes, na volta do trabalho, de passagem para casa.

Quanto à mudança de trabalho, que também caracteriza, segundo Hiernaux, a tirania do fugaz na cidade, todos os moradores de rua desse espaço sempre se dedicaram à mesma atividade, desde que moram na rua. Em relação à geografia do fugaz, exemplificada por Hiernaux por desfiles, festas e movimentos organizados na cidade, os moradores desse espaço gostam demais dos eventos que acontecem sob o viaduto, mesmo que eles tenham que aguardar o fim do evento para dormir. São eles mesmos que facilitam a ligação das tomadas para prover a energia sob o viaduto nos dias dos acontecimentos. Referem-se ao espaço como público e, por isso, segundo eles, deve ser utilizado indistintamente por todos que assim desejarem

A terceira categoria apontada por Hiernaux é a riqueza do fortuito e é o próprio autor quem esclarece:

(...) a concentração de indivíduos com experiências e trajetórias distintas implica que do encontro de tantas diferenças, sempre pode surgir algo novo, inesperado, fortuito. Neste sentido, a cidade é berço de inovações porque reúne uma multiplicidade de experiências humanas que, situadas em um substrato labiríntico, marcado pela fugacidade do que ali ocorre, permite uma situação de combinações no infinito de eventos (HIERNAUX, 2006, p. 202)

Estão associadas à riqueza do fortuito a multiplicidade de experiências humanas, a possibilidade de sempre recomeçar e o fortuito também permite aliviar o peso da rotina. Essa dimensão está associada ao aspecto social.

De fato, é grande a riqueza de experiências humanas quando se trata de pessoas que tiveram origens diferentes e, apesar do desemprego constituir a causa comum que os colocou nas ruas, as circunstâncias em que chegaram foram diversas. Milton, por exemplo, trabalhava como agricultor em Guapimirim

e veio para a rua, no Rio de Janeiro, buscando a única referência que lhe restou, o tratamento cardiológico do filho no Instituto de Cardiologia de Laranjeiras. Vivem hoje na rua, próxima ao hospital, para manter o tratamento.

A bebida alcoólica alivia a rotina, as preocupações e as incertezas. Dizem gostar da rotina e de ter hora para dormir e trabalhar. Seu dia vai depender do que conseguiram auferir ao final. Enfrentam imprevistos e adversidades. Alguns moradores do bairro telefonam para a Guarda Municipal queixando-se do barulho, do som da televisão ou do cheiro de caixote queimado, a lenha para cozinhar. Nessas ocasiões, todos os seus pertences são levados. Apesar desse fato acarretar num enorme transtorno e até na perda de algumas referências, ao narrar essas ocorrências, alguns deles ironizam e criticam os poderes, públicos e privados, que comandam a cidade: “uns levam nossos cobertores enquanto outros fazem campanha de doação de agasalhos. “

Para Foucault, o espelho é uma utopia porque é um lugar sem lugar. No espelho eu me vejo lá onde não estou. Eu olho lá onde estou ausente. É uma utopia, mas, também uma heterotopia porque é a partir do espelho que eu me vejo lá longe, portanto estou ausente no lugar em que estou. O olhar que me olha e que está do outro lado do espelho eu retorno a mim. É real em relação ao espaço que envolve o espelho e irreal porque tem que passar pelo ponto que está lá longe. O espelho obriga a visitar a noção de ficção.

Nossos moradores manusearam um espelho. Ao discutir com eles os princípios de Foucault sobre lugar sem lugar e a ficção, percebo que um dos principais valores para eles é o senso da realidade. Embora possuam inúmeras representações, lutam para ter sempre o “pé na terra.” Baltazar respondeu logo que se trata de uma imagem refletida, portanto, se forem colocados 30 espelhos, a imagem deles será projetada 30 vezes, mas ele não sairá do lugar, a questão, é, portanto, científica e concreta. Simone e João Paulo acharam muita graça na história do espelho e, da mesma forma como Baltazar, sentem-

se no mesmo lugar onde estão. João Paulo pediu para conversar mais sobre o espelho porque queria entender meu objetivo ao fazer essa experiência.

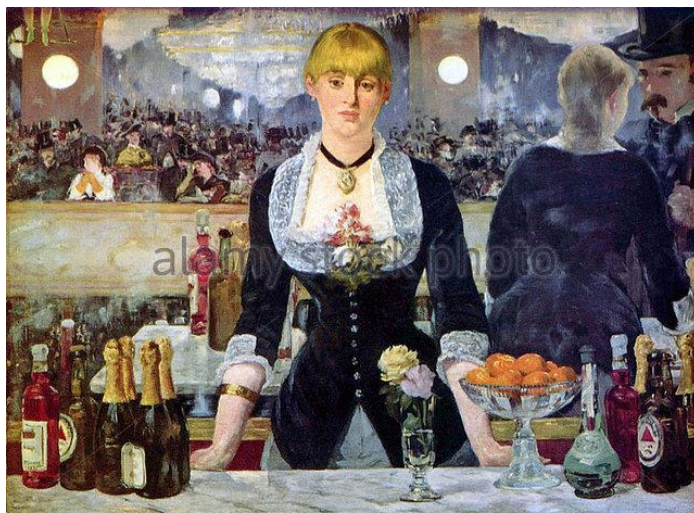


fig. 2

Mostrei, então, a imagem do quadro de Manet, *Um Bar em Folies Bergère* (figura 2). Henrique rapidamente identificou o homem que está falando com a atendente, mas não aceitou a posição do espectador, que para perceber detalhes do quadro é obrigado a deslocar-se em torno da tela a fim de encontrar a posição de acordo com o que está observando naquele momento.

Para Foucault, essa posição não existe, está aqui e lá simultaneamente, mostrando a incompatibilidade entre o dizer e o ver. Mais uma vez, nossos moradores mostraram o valor que dão aos temas objetivos, ao foco, à perspectiva concreta e recusaram o desvio, a deslocação, a posição flexível. Para eles, o observador permanece fixo, diante da moça, não se desloca.

Foucault, para exemplificar as heterotopias, definiu seis princípios básicos (FOUCAULT, 2013). O primeiro deles inclui grupos sociais em situação de crise, como por exemplo, jovens em colégio interno ou em situação de desvio, ou seja, comportamentos que envolvem condutas não aceitas pela sociedade, como, por exemplo, hospitais psiquiátricos ou presídios.

O segundo princípio da descrição das heterotopias é que uma sociedade pode fazer funcionar de um modo diferente a heterotopia segundo a sincronia e a cultura em que se encontra e o exemplo é o cemitério.

O terceiro princípio é que as heterotopias têm o poder de justapor em um único lugar real vários espaços que são em si mesmos incompatíveis e os exemplos podem ser o teatro, o cinema e o jardim.

O quarto princípio é que as heterotopias estão associadas a recortes do tempo, ou seja, é a acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar que não se moveria, e os exemplos são museus e bibliotecas.

No quinto princípio as heterotopias pressupõem um sistema de abertura e de fechamento no qual se pode entrar apenas com uma certa permissão, mas, pelo próprio fato de entrar, se está excluído e um exemplo são os hotéis.

O último traço das heterotopias é a da ilusão e da compensação que são espaços organizados e de regras como os bordeis e as colônias do século XVI na América.

Continuando nossa prosa com Foucault, nossos moradores sob o viaduto podem vivenciar o primeiro princípio pois seu comportamento é considerado desviante em relação à média estabelecida pela sociedade. Viver na rua, não tomar banho, dormir no chão, beber, são exemplos de comportamentos não aprovados pela sociedade, tanto que a maioria dos pedestres que cruza a calçada do viaduto, para atravessar a rua, nem os percebe. Miguel gosta de brincar com as pessoas, cumprimentando-as educadamente, dizendo que vai roubar-lhes um sorriso, mas muitas pessoas sequer param para escutá-lo.

Quando se vive na rua, alguns hábitos culturais são incorporados, pela própria necessidade de sobrevivência nesse novo espaço. Portanto, os moradores vivem o segundo princípio da heterotopia, pois muda o lugar de dormir, podendo ser o colchão, as pedras ou o carro. Este é, ao mesmo tempo, transporte de material reciclado, armário para os pertences e cama.

Para os que não possuem carro grande, resta o chão. Os hábitos higiênicos também mudam, alguns revelam sua fobia por banho, outros buscam água no posto de gasolina e procuram um lugar para a higiene do corpo. Visivelmente, os que não trabalham são os que mantêm o corpo em situação mais precária.

O terceiro princípio, a justaposição dos espaços, é uma questão contraditória para eles. Cada um dos moradores tem um lugar onde guarda seus pertences. Na hora de dormir, os que têm colchão dirigem-se para lá. Os que não têm, buscam um lugar. Reagem à noção de um espaço fixo, argumentando que o espaço é público e, portanto, é ocupado por quem chegar.

Nenhum deles tem uma denominação para esse espaço, depende do uso que fazem dele no momento, chamam-no de lugar de lazer, de descanso ou de trabalho, e, portanto, tudo junto, um espaço de justaposições. Alguns reconhecem que o espaço é um território, mas a maioria, não. João Paulo ficou bastante aborrecido ao ouvir esse termo pois, para ele, quem delimita território é bandido e eles têm muito orgulho de ser trabalhadores, não gostam de ser confundidos com bandidos ou malandros. Mas, contraditoriamente, o casal Simone e João Paulo pediu a um grafiteiro que pintasse o nome deles na parede, sendo este o espaço que ocupam.

Para o quarto princípio, a possível acumulação de tempo, além da memória de cada um, a acumulação de tempo está no carro: ali guardam lembranças, objetos que não querem vender, roupas, comida. Por isso, quando a Guarda Municipal leva seus pertences, além de representar um transtorno para suas vidas, é uma perda de referência. Os que possuem documentos, guardam-no com eles mesmos e mostram com orgulho sua identidade.

O quinto princípio, a heterotopia da abertura e do fechamento, é parcialmente vivenciado pelos moradores. Algumas casas comerciais não permitem sua entrada e, nas que permitem, eles são observados a toda hora. Por isso, alguns deles preferem se manter um pouco mais limpos para não ser de todo rejeitado.

O sexto traço das heterotopias se desenvolve de duas maneiras: ou cria um espaço de ilusão ou cria um outro espaço, um outro espaço real, que seria a heterotopia de compensação. O exemplo são as colônias de jesuítas fundadas na América do Sul: um espaço de perfeição, com a vida regulada em todos os aspectos. Esse sexto princípio torna-se difícil de avaliar, não só porque estamos fazendo uma primeira abordagem na tentativa de perceber, empiricamente, uma caracterização do espaço produzido por esse grupo de homens e mulheres, como, também, porque ao nos referirmos às tríades de Léfèbvre, às três dimensões do espaço de Soja, aos espaços outros de Foucault e as heterotopias, e às figuras metafísicas de Hiernaux, podemos perceber que o espaço produzido pelos moradores sob o viaduto guarda características de cada uma dessas dimensões do espaço,

Em uma de minhas conversas no local, Henrique mostrou curiosidade em saber como estava meu trabalho, querendo conhecer um pouco mais. Ao falar dos espaços percebido, vivido e concebido, e suas variações, ele me respondeu acrescentando que ele via ali mais do que três dimensões do espaço.

E quando lhes perguntei do que gostavam mais naquele espaço, todos responderam que são os amigos. Nossos homens e mulheres estão sempre recomeçando. Afirmam que seu objetivo é sobreviver a cada dia e poder recomeçar a todo momento.

Ao mesmo tempo que dizem não ter sonhos, e sim objetivos imediatos, cada um deles manifestou seus desejos como metas a serem concretizadas em curto espaço de tempo, diferente de sonho: no final do ano visitar a família no Nordeste, deixar de viajar através dos livros e viajar pelo mundo assim que for premiado na loteria, comprar um carrinho novo para se locomover melhor rumo ao depósito. Vivem uma relação dialética entre os três elementos que compõem a vida cotidiana na sociedade capitalista: o trabalho, a família e o lazer.

Todos afirmam dar pensão aos filhos todos os meses, terem filhos na escola, visitar suas mulheres e família com frequência. Nessas afirmações percebemos o conjunto das representações da vida cotidiana, cheia de duplos, como mostra Léfèbvre: solidez e inconsistência, fragilidade e coesão, tragédia e comédia. O símbolo toma o lugar das coisas, como o substituto da presença na ausência, preenchendo sua ausência com as representações construídas sobre o objeto.

Considerações finais

Soja entende que os espaços conformam nossas vidas de várias maneiras, pois as forças materiais e imaginárias que atuam podem ser positivas ou negativas de forma individual ou coletiva. Como os espaços são socialmente construídos e podem ser transformados, confere à produção do espaço uma dimensão prática, ideológica e política (SOJA, 1999).

A maioria dos nossos homens e mulheres acompanha os acontecimentos políticos e as votações que estão ocorrendo no Congresso Nacional. Sabem que, de alguma maneira, mesmo vivendo na rua, serão atingidos pelas reformas trabalhistas. Segundo eles mesmos, estão situados no andar de baixo da pirâmide social. Vivendo de lixo, biscates e pequenos fretes, se as pessoas dos andares de cima da pirâmide passarem a gastar menos, fazendo menos obras e reformas em suas casas, e consumindo menos, menores serão as demandas para eles.

Transitam em cada um dos espaços da tríade, às vezes em todos os espaços simultaneamente. Por ali passam suas mercadorias, acontece seu processo de trabalho, é um espaço de consumo, de comércio, de circulação, ali deixam sinalizados seus símbolos, seus códigos, sua expressão da vida social. Ali se alienam, se isolam, mas também é o espaço das solidariedades sociais, das confraternizações, se identificam e têm lealdade ao lugar, mas podem dormir em outro espaço. É o espaço da injustiça quando são roubados, mas é

o espaço da alegria quando bebem e jogam com os amigos. É o espaço da instabilidade, mas também da insegurança, da ação e do repouso, do trabalho e da ociosidade.

Ao observá-los, pensei nos “homens lentos”, do território usado, do espaço opaco, do espaço banal que é de todos e de todas as práticas (SANTOS, 2000). São espaços opacos de sobrevivência, mas também luminosos, no sentido de vida plena.

Vivem em espaços abandonados, feios, perigosos, em espaços que a maioria não deseja viver mas para eles é um espaço de vida, onde se reproduzem como homens e mulheres. Deixam ali suas marcas, e até seus nomes pintados na parede, ausências do que deveria estar ali.

Hoje, após ter mediado uma conversa entre nossos moradores sob o viaduto e Milton Santos e os filósofos, consegui perceber as relações e interações que fazem com que o espaço seja um produto social e, ao ser produzido, tem a produção em si, é efeito, mas também é causa, não pode existir independente deles porque é um espaço construído socialmente. É efeito de ações passadas, mas também permite ações e oferece possibilidades.

Nossos homens e mulheres estabeleceram relações entre si que se refletem na organização desse espaço. Mas agora, a partir dos diálogos, passei a fazer parte desse espaço também. Penso neles quando estou distante, recolho para eles objetos aos quais eles possam dar outro destino que não o lixo, compreendo mais sua lógica ao elaborarem o pensamento.

Em uma das vezes em que nos encontramos, Henrique me disse: “Se você está escrevendo sobre nós, eu vou ser um pedaço de sua história. Você vai embora mas vai ficar um pouco aqui.”

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Alvaro. **Anotações de aula**

FOUCAULT, M. **De outros espaços:heterotopias** (conferência no Cercle d'Études Architecturales, 14 de março de 1967)

FOUCAULT, M. **Conversa com Michel Foucault**. Repensar a política. (A.Pessoa, Trad). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1980).

FREHSE, F. O espaço na vida social: uma introdução. **Estudos Avançados**. V.27, n.79. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

HIERNAUX, D. Repensar a cidade: a dimensão ontológica do urbano. **Geosp – Espaço e tempo**, são Paulo, n. 20, 2006.

LÉFÈBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. (Tradução não publicada). Belo Horizonte: UFMG, 2006 [1974].

LÉFÈBVRE, H. A cidade e o urbano. In LÉFÈBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte:UFMG, 2008.

RIBEIRO, A.C.T. Homens lentos, opacidades e rugosidades. http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2012/04/redobra9_Homens-Lentos-Opacidades-e-Rugosidades.pdf Acesso em 27 julho de 2017

SANTOS, M. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro:Editora Record, 2000.

SOJA, E.W. Thirdspace: expanding the scope of the geographical imagination. In MASSEY, D. ALLEN, J. SARRE, P. Human Geography today. Oxford, UK: Blackwell, 1999.